

ARTIGO

JOÃO DA FILMADORA E AS NARRATIVAS MIDIÁTICAS: o papel da comunicação informal no jornalismo participativo

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

MÍRIAM CRISTINA CARLOS SILVA
Universidade de Sorocaba, Brasil

RESUMO - Este artigo é parte da pesquisa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Apresenta-se o trabalho de João da Filmadora, comunicador informal que, apesar de ter concluído apenas o primeiro ciclo do ensino fundamental, atua como produtor informal na cidade de Campina do Monte Alegre, SP. Suas sugestões de pautas chegam às mídias regionais, nacionais e internacionais. Os objetivos consistem em, a partir de entrevistas e da análise de narrativas, narrar, descrever, organizar e analisar parte das práticas que inserem as pautas de João da Filmadora nas narrativas midiáticas. O aporte teórico se faz a partir das discussões de Benjamin, Sodré, Meditsch e Pontes e Silva. Conclui-se que João da Filmadora é um narrador contemporâneo que se apropriou tanto da linguagem dos meios quanto dos jargões dos profissionais da comunicação e que exerce seu papel de narrador, ciente do poder simbólico de suas narrativas.

Palavras-chave: Narrativas midiáticas; Narrador; João da Filmadora.

JUAN DE LA VIDEOCÁMARA Y LAS NARRATIVAS MEDIATICAS: El papel de la comunicación informal en el periodismo participativo

RESUMEN - Este artículo es parte de una investigación, con apoyo de la Fundación para la Investigación del Estado de São Paulo. Juan de la Videocámara, a pesar de haber completado sólo el primer grado de educación primaria, actúa como productor informal en Campina do Monte Alegre, SP, Brasil. Las sugerencias de Juan llegan a los medios de comunicación, regionales, nacionales e internacionales. Los objetivos son narrar, describir, organizar y analizar parte de las actividades que caen dentro de las agendas de Juan de la Videocámara en las narrativas en los medios. El aporte teórico se hace de las discusiones de Benjamin, Sodré, Meditsch, Pontes y Silva. Juan de la Videocámara es un narrador contemporáneo que se ha apropiado del lenguaje de los medios y de las jergas de los profesionales de comunicación, allende ejercer el papel de narrador, consciente del poder simbólico de sus historias.

Palabras clave: Narrativas en los medios de comunicación; Narrador; Juan de la Videocámara.

CAMCORDER JOHN AND MEDIA NARRATIVES: The role of informal communication in participative journalism

ABSTRACT - This article is part of a study supported by the Research Council for the State of São Paulo (FAPESP). It presents the work of an informal communicator called Camcorder John who, despite having only an elementary school education, works informally as a producer in Campina do Monte Alegre, in São Paulo, Brazil. His prospective stories reach regional, national and international media. This study uses interviews and analyses of narratives in order to narrate, describe, organize and analyze some of the practices that include Camcorder John's stories in media narratives. As its theoretical foundation, the study uses some discussions taken from Benjamin, Sodré, Meditsch, Pontes and Silva. The conclusion is that Camcorder John is a contemporary narrator who has learned both the language of media and the jargon of media professionals; he plays the role of a narrator who is aware of the symbolic power of his narrating.

Keywords: Media narratives; Narrator; Camcorder John.

1 O NARRADOR: JOÃO DA FILMADORA

Nesta pesquisa, elege-se como tema as narrativas midiáticas, apreendidas por meio de entrevistas e da leitura de notícias, originadas das sugestões de pautas ofertadas às mídias por João Gomes Neto, 47 anos, conhecido como João da Filmadora, que nasceu e vive em Campina do Monte Alegre, cidade de 6.000 habitantes, localizada no interior de São Paulo. Desde a aquisição de sua primeira câmera VHS, na década de 90, ganhou esta alcunha – da Filmadora –, e passou a realizar filmagens amadoras sobre a cidade, seus habitantes e suas histórias.

Com o tempo, João da Filmadora passou a transformar suas narrativas em pequenas notícias, enviadas às mídias regionais em fitas VHS, que ele levava pessoalmente ou que os repórteres vinham buscar, após contato via telefone público. Dada a repercussão de seus relatos, na maior parte das vezes associados a histórias fantásticas de sacis, fantasmas e lendas da cidade, passou a distribuir *releases* com sugestões de pautas, as quais tiveram aceitação, inclusive por veículos de comunicação nacionais e, depois, internacionais. Foi assim que o caboclo simples, tímido, de poucas palavras, que estudou apenas até a quarta série do ensino fundamental, passou a exercer em Campina a função de comunicador informal, ou, como ele mesmo se intitula, de “produtor autodidata”. A primeira pessoa a classificá-lo desta forma foi o jornalista Gerson de Souza, da Rede Record de Televisão¹.

Em 2008, João da Filmadora passou a utilizar a internet, com a qual criou uma rede de contatos entre jornalistas profissionais, que vieram a fazer uso com recorrência das narrativas sugeridas por ele, além de divulgá-lo entre os pares como fonte para diversos assuntos, que se dividem entre: a) aqueles de cunho mítico, como o de saci criado em garrafão²; galinha em cuja moela foi encontrado ouro³; trem fantasma⁴; tesouro enterrado no paredão do rio Paranapanema⁵; b) Fatos do cotidiano de Campina do Monte Alegre: a história de um boi criado como animal de estimação⁶; a prática de não se trancar portas, janelas e carros na cidade⁷; frutas exóticas cultivadas por um agricultor local⁸; c) perfis heroicos, tais como o de Jorgina, uma mulher sem parte dos braços e das pernas, mas que realiza todas as tarefas do dia a dia de forma autônoma⁹; d) narrativas de cunho mais histórico e informativo, como as relacionadas à Revolução de 32, que teve a cidade de Campina como um importante campo de batalha – ali, os Paulistas do Exército Constitucionalista do Setor Sul enfrentaram as tropas da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, da Força Pública Pernambucana e do Exército Brasileiro. Uma sugestão de pauta foi referente às cápsulas de fuzil, revólveres e ogivas de canhão encontrados no museu da cidade e em coleções pertencentes a moradores¹⁰; e outra, de cunho histórico, com enorme repercussão, foi a da “Fazenda Nazista”, que originou matérias regionais, nacionais e internacionais. Sobre esta, vale um maior detalhamento: na Fazenda Cruzeiro do Sul, localizada em Campina do Monte Alegre, por volta de 50 crianças negras foram adotadas pelo dono da fazenda, provavelmente simpatizante do nazismo, e submetidas a um regime escravo de trabalho. A narrativa tem como fonte o relato e as provas encontradas por José Ricardo Maciel, morador de Campina, casado com a atual proprietária da fazenda. Maciel, ao realizar uma reforma em um chiqueiro, deparou-se com tijolos com a suástica. Também foram encontradas fotos de gado marcado com o símbolo do nazismo. Outro testemunho vivo apresentado por João da Filmadora é o de Aloísio Silva, sobrevivente da fazenda¹¹. Os fatos relatados foram apurados em pesquisa de doutorado, realizada pelo historiador Sidney Aguilar Filho e defendida na Universidade de Campinas, em 2011. O trabalho acadêmico teve enorme repercussão e ampliou ainda mais o interesse da mídia pela pauta. Porém, pioneira, foi a reportagem realizada por Roberto Cabrini, exibida em 2008, no Domingo Espetacular, da Rede Record de Televisão. A história também despertou a atenção de veículos que enviaram jornalistas a Campina

do Monte Alegre e publicaram matérias no primeiro semestre de 2014 – entre eles: BBC News, The Sun, Der Spiegel, So Foot e a estatal CCTV China. Em todos os casos, quem acompanhou a produção estrangeira, como contato local, apesar de só saber se comunicar em português, foi João da Filmadora. Ele afirma que “se assustava com os números internacionais em seu celular”¹².

2 AS PAUTAS DE JOÃO DA FILMADORA: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS

Campina do Monte Alegre possui somente um jornal, o Jornal Informativo, e uma rádio comunitária, a FM Atrativa (105,9). Em uma série de entrevistas concedidas para esta pesquisa, João da Filmadora relatou como realiza o seu trabalho de comunicador informal. Sua atuação nas mídias locais não é significativa. Ele afirma que, às vezes, liga para a rádio a fim de dar algum aviso, apenas. Se é válido afirmar que as mídias locais não dão valor ao trabalho do produtor informal, também é correto dizer que ele não demonstra tanto interesse em atuar nos veículos locais. Uma possível explicação para a baixa frequência de notícias pautadas por João da Filmadora nas mídias locais é o fato de que na cidade de Campina não se entende que as histórias contadas por ele possuam um valor-notícia. Sua participação é frequente, entretanto, nas mídias regionais – entre elas, a TV TEM de Itapetininga, a TV TEM de Sorocaba e o Jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba. O contato com estes veículos, e também com os nacionais, ocorre por telefone ou pelas redes sociais. Neste sentido, as sugestões de pauta se caracterizam sobretudo como narrativas orais, contadas diretamente por João da Filmadora aos seus contatos, os jornalistas. Embora tenha dificuldades com a escrita, isto não o impede de construir *releases* (como ele mesmo chama), transformando estas narrativas orais em escritas, como no exemplo:

Barulhos estranhos no céu assustam pessoas da Cidade Do Campina Do Monte Alegre Interior de Sp. Fenômeno até então não explicado está sendo testemunhado em diversos ponto Da Cidade. Sons muito peculiares e de procedência desconhecida, Uma das primeiras ocorrência desses sons ocorreu No Bairro Do "Papagaio" Os sons normalmente são metálicos e trazem a sensação de serem provenientes de alguma grande máquina. Testemunhas afirmam que o som é tão alto que inclusive as janelas passam a vibrar com a frequência das ondas sonoras.. O Barulho Foi Batizado Por Trem Fantasma. (sic)¹³.

É comum encontrar, na página do Facebook de João da Filmadora (<https://www.facebook.com/filmadora.filmadora?fref=ts>), micronarrativas e frases que funcionam como um chamariz para matérias. Entre as mais recentes, encontra-se uma espécie de convocação, postada em 20 de maio de 2015, solicitando àqueles que tenham uma boa história, que a contem, para que ele possa ser o mediador entre o narrado e as mídias: “Se alguém tiver uma boa história para contar. Emocionante, superação, inusitado “algo curioso” você pode ser uma reportagem para televisão. Qualquer coisa me chama no bate papo” (sic). Em outro *post*, ele reproduz uma micronarrativa de um personagem que buscou transformar em pauta, além de acrescentar um vídeo em que o próprio personagem aparece:

Boa tarde amigos do kiko maranhao de todo Brasil esse video vai moatra pra todos voces como vevi o kiko maranhao aqui no maranhao eu sonho em um dia viver da musica mais em quanto esse dia nao chega minha vida e essa trabalho na roça durante a cemana e no final de cemana toco meu forro .eu tor lutando em busca do meu sonho quero meu sorriso de volta pra poder cantar feliz pra quem gosta de min ver canta .ai ta um polco da minha estoria de vida aqui no maranhao olha ai João Gomes Neto Gomes (sic).

Em outros momentos, aparece apenas um título, como o postado em 19 de maio de 2015: “Trocados na maternidade descobrem engano ao ser amigos de escola depois de 19 anos”. Também é de 19 de maio a seguinte micronarrativa:

Irineu Gomes cria galinha há 50 anos. E afirma: tem uma legião de aves que botam ovos de casca azul (quase verde, na verdade). Desta forma, seu Gomes se tornou famoso na cidadezinha de Campina do Monte Alegre, no interior de São Paulo. Ele conta que, ao perceber que algumas galinhas botam ovos daquela coloração, começou a selecioná-las. Seu Gomes conta que as galinhas “especiais” não botam ovos de outra cor.

Note-se que, com todas as dificuldades associadas à baixa escolaridade, as narrativas são construídas em uma linguagem bastante próxima ao gênero noticioso. O comentário postado em 30 de abril 2015, por Adriana dos Santos, reflete sobre a atividade de João da Filmadora como um comunicador informal, equiparando-a à atividade jornalística:

Lembro quando você enviou essa pauta e tantas outras na rede record!!! Não é uma faculdade que faz um bom profissional; E não é nota boa que faz um bom aluno. (parabéns então João, por você ter a faculdade da vida.. você não é um pauteiro de escritório conhece as historias das pessoas, poque não fica dentro de uma redação.

O comentário de Adriana se reflete na importância da atividade de João da Filmadora para a cidade e também na polêmica causada por sua dupla recepção, que resulta em admiração e crítica por parte da população de Campina.

Campina do Monte Alegre, embora pertença à região administrativa de Sorocaba, não está na área de cobertura da TV TEM Sorocaba, mas sim na da TV TEM Itapetininga, e as pautas de João da Filmadora ganham a atenção das duas afiliadas da Globo.

A primeira filmadora de João foi adquirida na década de 1980, quando o pai, Sebastião Roque Gomes, graças à insistência do filho, trocou um terreno pela câmera VHS. Naquela época, os contatos com a mídia eram realizados por um orelhão. A partir de 1990, com a internet, e, depois, com um celular, ampliou a sua rede de contatos e passou a sugerir pautas, não apenas de Campina do Monte Alegre, como também da região e até de cidades mais distantes, algumas em outros estados. A jornalista Mariana Gomes¹⁴, chefe de rede do Núcleo Especial de Reportagens da Rede Record, observa a criatividade de João da Filmadora e relata que são constantes as suas sugestões para o “Por onde anda”, que mostra o que aconteceu com celebridades que desapareceram das mídias, além de outros quadros, editorias e núcleos da emissora, constantemente procurados por João da Filmadora.

Ele se declara um observador atento da realidade à sua volta, na qual busca aquilo que poderá resultar em uma boa matéria. Neste aspecto, há a observação que permite a transformação do fato em narrativa. Em uma aproximação com o jornalismo, para a construção da notícia, não basta que algo ocorra, mas é necessário que essa ocorrência seja observada, interpretada e recortada por um narrador; e é assim que surgem as pautas de João, que se transformarão, ou não, em notícias, dependendo do interesse das mídias.

Para Park (1972), o fato se caracteriza a partir dos elementos cujo sentido seja compartilhado por todos os membros de um grupo. Acrescente-se a visão de Meditsch (2010, p. 38): “No entanto, por mais elementares, consensuados e evidentes que sejam os fatos, ainda assim, tratam-se de construções humanas”. A partir de vários autores, entre os quais Park, Berger e Luckman, Genro Filho e Lippman¹⁵, Meditsch (2010) problematiza a objetividade e a subjetividade, complexificada pela intersubjetividade, elementos estes que operam na produção dos acontecimentos. Meditsch pontua que “O objetivismo ingênuo se contrapõe a um subjetivismo ingênuo” (p. 19), em que “a metáfora da total exterioridade se contrapõe à

da total interiorização midiacêntrica, levando ao absurdo lógico de uma visão de construção da realidade esgotada pelo protagonismo da mídia” (p. 19).

João da Filmadora, com seu modo particular de ver o mundo, relaciona a intersubjetividade tecida no contato com a oralidade dos narradores tradicionais e as narrativas das mídias, e fala que, ao pensar suas pautas, busca o inusitado presente nos fatos. Depois de observar uma ocorrência a ser transformada em notícia, conversa com o personagem que poderá dar um depoimento. Ele não costuma ser o personagem das matérias, apenas as relata, como um intérprete, um narrador-observador das ocorrências factuais, mas também das histórias orais, da cultura popular e seus mitos e de aspectos da rotina de Campina, que ganham contornos de inusitado: o dia a dia do caipira, seu modo de vida, as peculiaridades de uma cidade pequena, onde quase nada acontece, portanto, onde muito se relembra, imagina-se e inventa-se. Sugere, também, as narrativas que ouviu de antigos moradores. Ele afirma que constrói os releases de forma simples e objetiva, encaminhando-os para redes de TV afiliadas e para outros veículos, e que seu trabalho só termina quando recebe uma resposta afirmativa de algum meio de comunicação. Mariana Gomes¹⁶ destaca o fato de que João da Filmadora é insistente, persistente e perspicaz. Ao enviar uma sugestão de pauta, o faz por vários mecanismos: e-mail, mensagem via Facebook, WhatsApp e muitos telefonemas. Enquanto não obtém uma resposta, persiste sugerindo. Ela frisa que a adequação das pautas às editorias é sempre observada pelo produtor informal, com uma percepção tão pertinente que nem sempre os jornalistas de formação possuem, e que algumas de suas sugestões para matérias acabaram se transformando em programas inteiros, como no caso do especial “Caipiras”, de 2012¹⁷.

Questionado sobre a fidelidade dos meios às pautas sugeridas, João da Filmadora afirma que os meios sempre procuram enriquecer ao máximo as suas sugestões, a fim de despertar a atenção do público geral, e não vê essas modificações como negativas, pois entende que a pauta, quando transformada em notícia, mesmo que modificada, torna-se mais interessante.

É possível se relacionar a atuação de João da Filmadora ao chamado jornalismo participativo ou cidadão, caracterizado pela participação do cidadão comum, cada vez maior e mais frequente, sobretudo com a utilização das redes sociais.

É necessário questionar, no entanto, a qualidade dessa

participação, sobretudo em seus aspectos de fidedignidade, aprofundamento e relevância. Em que se pese a consciência de que tais aspectos devem ser questionados também na prática profissional do jornalismo, e não apenas na produção de conteúdos oriunda do jornalismo participativo, parece inalienável a condição de mediador do jornalista, cuja qualificação específica inclui, segundo Fidalgo, dominar técnicas específicas para adquirir e averiguar notícias, contextualizar a informação obtida e obedecer a determinados princípios éticos. O autor expõe, com todas essas especificidades, a da orientação no espaço midiático, que ele chama de terreno conflituoso, no qual múltiplos interesses concorrem (FIDALGO, 2009).

O interesse de João da Filmadora parece centrado no exercício de tentar midiaticizar os conteúdos. Afirma que se sente orgulhoso quando vê uma pauta sugerida por ele ser transformada em notícia. Ao que parece, ele também é pautado pelos meios, pois seu olhar se moldou ao desejo das editorias e seus públicos. Ao olhar para o mundo ao seu redor, tece as narrativas a partir do olhar noticioso.

3 AS NARRATIVAS: DE BENJAMIN ÀS MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS

O interesse de João da Filmadora pelas narrativas das mídias, segundo ele, começou em 1977, quando o pai adquire uma TV em preto e branco que, ao ser ligada pela primeira vez, exibia Negrinho do Pastoreio. Dirigido por Antonio Augusto Fagundes, em 1973, e protagonizado por Grande Otelo, o filme traz a lenda brasileira, popular na região sul, que até hoje é contada e recontada. Foi adaptada em diversos suportes, que vão da oralidade popular às histórias em quadrinhos e ao cinema, passando por uma adaptação de Clarice Lispector (2000), presente em “Como nasceram as estrelas – Doze lendas Brasileiras”, de 1978, obra na qual a escritora reelabora narrativas tradicionais¹⁸.

A história do Negrinho do Pastoreio, à semelhança dos contos de fadas europeus, traz elementos impactantes, como os castigos recebidos pelo menino e sua morte em um formigueiro, aspectos estes que foram amenizados em algumas versões, como na adaptação da Turma da Mônica, em que as formigas são amigas, não devoram o menino, e o estancieiro não é mau (SOUZA, 2010)¹⁹.

Um novo contato relevante de João da Filmadora com as narrativas midiáticas ocorreu em 1979 e se somou à paixão

obsessiva pelos equipamentos de filmagem (costuma fazer dezenas de fotos em que aparece ao lado dos equipamentos levados à cidade pelas equipes de reportagem, postando-as nas redes sociais). Foi na década de 1970, ainda adolescente, que acompanhou “Os três boiadeiros”, dirigido por Waldir Kopezky, com a dupla Pedro Bento e Zé da Estrada, rodado em Campina do Monte Alegre. O pai de João possuía um restaurante no qual a equipe fazia as refeições. Sua irmã, Solange Gomes Aleixo, participou como figurante no filme.

Benjamin (1982) discutiu a raridade do saber narrar, apontando para a dificuldade de se encontrar quem saiba fazê-lo devidamente. Considerando-se a época soturna em que foi escrito o texto, em 1936, e apesar dela e de seus desdobramentos trágicos, é possível atualizar algumas ideias ali trabalhadas e relacioná-las com a produção narrativa de João da Filmadora.

Para Benjamin, parecíamos estar privados de uma faculdade que nos pertencia de modo inalienável, a de intercambiar a experiência, fonte de todos os narradores, caracterizados por dois formatos: o viajante, que traz do longe de outras terras os fatos a serem contados, e o narrador tradicional, que jamais deixou o seu lugar, e, por isso, conhece com profundidade as tradições, já que as presenciou e viveu.

A primeira hipótese desta pesquisa apontava para a possibilidade de que João da Filmadora fosse um narrador da tradição, tendo em vista o fato de que nunca saiu de Campina do Monte Alegre e que relatava fatos experimentados em seu cotidiano. Entretanto, ao longo do trabalho, por meio das entrevistas realizadas, percebeu-se que se trata, sim, de um narrador; mas de um narrador contemporâneo, e também de um mediador de narradores, que conhece as fontes da tradição e sabe onde encontrar narradores experientes, velhos moradores de Campina, bem como percebe de que forma deve reestruturar essas narrativas a fim de despertar o interesse das mídias por elas. Entre suas fontes, uma das mais recorrentes é o senhor Carmo Lourenço Gomes, morador de Campina e tio de João.

Não se pode afirmar que João da Filmadora seja um narrador viajante, na concepção de Benjamin, mas apesar de raramente sair de Campina, é um navegador contumaz das redes, pois está constantemente conectado, especialmente ao Facebook e ao WhatsApp, formulando narrativas que se caracterizam: a)

por mediar outros, os narradores tradicionais, e pela elaboração criativa de suas próprias histórias, fruto de sua observação atenta, não apenas do mundo à sua volta, mas da natureza do que é narrado pelas mídias, inspirando-o a se apropriar da linguagem midiática e adaptar seu discurso às demandas das editorias com as quais tem contato; b) pela capacidade de manejo com as tecnologias de comunicação, que imprimem uma mobilidade capaz de atingir as mídias dentro de uma amplitude que seria impossível caso ainda necessitasse encaminhar suas pautas por meio de chamadas pelo telefone público. Como já mencionado, o uso da internet fez com que extrapolasse as fronteiras de Campina, ao conseguir pautas de outras localidades, como no caso da matéria sobre uma dupla sertaneja mirim, exibida pela Bandeirantes, no programa “Tá na tela”²⁰.

Benjamin (1982) explica que a narrativa está revestida de uma dimensão utilitária, como um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida. Configura-se como um conselho dado pelo narrador, que retira a narrativa da sua própria experiência ou daquela relatada pelos outros. Muitas das histórias pautadas por João possuem este caráter utilitário, trazendo personagens que servem como um exemplo de vida, como no caso de Jorgina, uma mulher sem parte dos braços e das pernas, mas que, apesar destas limitações, realiza tudo em seu dia a dia de forma autônoma²¹.

Segundo Benjamin, a narrativa pode recorrer ao miraculoso, enquanto a informação aspira a uma verificação imediata. As pautas tratadas por João da Filmadora ora revestem-se de um caráter tradicional, como no caso das lendas sobre sacis e assombrações. São histórias que se repetem infinitamente e não se esvaziam, por seu caráter maravilhoso, como na do Negrinho do Pastoreio, que revelou o encantamento de João pelas narrativas tradicionais e midiáticas, ao mesmo tempo. Outras pautas, porém, possuem um caráter mais informativo, e podem ser comprovadas a partir de indícios e testemunhos, como no caso da Fazenda Nazista, em que fotos do gado nelore, marcado com a suástica, e os tijolos encontrados por Maciel, servem como provas.

Ao atualizar os conceitos de Benjamin sobre o narrador, o que podemos perceber no caso do narrador contemporâneo, João da Filmadora, é que a importância do narrar, e do narrador, seja em qualquer tempo, está no fato de que a partir das narrativas o homem consegue explicitar, reviver, transformar e criticar o seu

próprio viver. E este narrar, na atualidade, faz uso das muitas mídias que se encontram à disposição de um número cada vez maior de usuários, inclusive daqueles de letramento precário, como no caso de João da Filmadora, muito mais familiarizado à oralidade. Nas narrativas pautadas por ele, identifica-se uma fatia de mito e até de sensacionalismo, associada à criatividade, ao delírio e à suspensão do cotidiano e que pode ser justificada como valor-notícia, refletindo-se sobre as ponderações de Sodré (2009), para quem a objetividade e a neutralidade jornalísticas são conceituadas e colocadas em questão:

Não se trata de manipulações deliberadas nem de mentiras, mas de interpretações que podem muitas vezes lançar mão de recursos típicos da ficção literária, com vistas à criação de uma atmosfera semântica mais compreensiva. Apesar de sua aposta histórica no esclarecimento neutro, a notícia não prescinde, em termos absolutos, do apelo à carga emocional contida nos estereótipos que derivam das ficcionalizações ou dos resíduos míticos (SODRÉ, 2009, p. 16).

O autor explica que “o cerne da objetividade ideológica da notícia é constituído dos mesmos materiais expressivos de que se valia o narrador antigo para cimentar com palavras os laços comunitários” (SODRÉ, 2009, p.15).

Ao fazer, das pautas de João da Filmadora, notícias, as mídias, em geral e, em particular, o jornalismo, explora o que há de ficcional nos fatos. O valor-notícia comporta essa ficcionalidade, que desperta a atenção do público justamente por seu caráter de inacreditável. Parece pesar a atração do público pelo inusitado, que configura muitas das pautas sugeridas por João da Filmadora e que caracteriza as narrativas tradicionais: contos, lendas, mitos e formas afins.

João da Filmadora tornou-se conhecido por parte da grande mídia como uma fonte à qual se recorre, sobretudo quando se deseja ofertar uma dose de excentricidade, de humor ou mesmo de poesia, patentes nas notícias levadas ao ar pelo “Balanço Geral”, da TV Record. E sua atuação tem se ampliado, já que também se tornou um colaborador constante da produção do CQC, por exemplo, sugerindo pautas não restritas à cidade de Campina, para o quadro “Proteste Já”. Tornou-se popular nas redes sociais e respeitado em Campina do Monte Alegre, mas, por outro lado, parece ter criado uma autonecessidade de pautar, constantemente, o que o leva, muitas vezes, à fabricação de

notícias que, devidamente checadas, mostram-se distantes dos fatos, pseudoacontecimentos, produzidos a partir da lógica regida pela indústria produtora de informações e pela curiosidade do público, sedento de novidades.

O encantamento de João da Filmadora pelas narrativas midiáticas, assim como o uso que faz das tecnologias de comunicação, a começar pela câmera, depois a internet e o celular, fizeram com que ele aprendesse a transitar por códigos culturais diferentes, quais sejam: a comunicação popular e oral das zonas rurais, mítica, passada de geração em geração por narradores tradicionais, e a comunicação de massa, urbana, do jornalismo impresso à TV. João da Filmadora, com o ensino fundamental incompleto, domina a linguagem das redes sociais na internet, além de outra, muito específica e restrita, a dos profissionais de mídia, e a dos jornalistas, com todos os seus distintos formatos, estruturas e jargões, tais como a sugestão de pauta, a produção de conteúdo, a notícia, entre outras. É possível afirmar que ele se educou pelas mídias e no contato com os próprios produtores e jornalistas, assimilando, aos poucos, a linguagem e o discurso dos meios. Embora tenha nascido e se criado em uma área rural, parece ter encontrado mecanismos para superar essa condição, pois desde a aquisição da câmera filmadora, acabou por acessar outras formas de cultura, ao mesmo tempo em que, produzindo suas pautas e matérias, consegue colocar Campina, ainda que esporadicamente, em um patamar de visibilidade midiática regional, nacional e até internacional. Inclusive, é responsável pela manutenção e transmissão de parte da memória de narradores tradicionais, mediados por ele, pois muitos vivem em rincões da cidade de Campina, nos quais o transporte é precário, a energia elétrica não chega, e a comunicação se dá apenas na oralidade. Apesar de seu baixo nível de escolaridade, João da Filmadora opera como um tradutor das narrativas orais, que por ele são transformadas ora em narrativas escritas, ora em narrativas audiovisuais, além de propagadas entre as redes sociais e o público especializado, os jornalistas e produtores de conteúdo. Alguns moradores de Campina apresentam dificuldade em decodificar (e mais ainda em codificar) as mensagens dos meios e, para superar este obstáculo, recorrem a João, que é quem recebe jornalistas e produtores na cidade, o que lhe garante o respeito não só de parte da população como também do Prefeito e de outras autoridades. Ele deixa clara

sua postura apartidária, dizendo ser um assessor de Campina, e não do prefeito. Apesar de sua aparente timidez e da pouca desenvoltura na conversa com estranhos, por vezes se comporta como um assessor de imprensa, acompanhando autoridades às mídias. Em janeiro de 2014, em visita à cidade de Votorantim, SP, para uma entrevista na TV Votorantim, o Prefeito de Campina do Monte Alegre, Carlos Eduardo Ribeiro, fez-se acompanhar de João da Filmadora. Também é a ele que a população recorre para reclamar de buracos na rua, para realizar denúncias e para relatar histórias fantásticas e fatos comuns. Atende, ao mesmo tempo, a população de Campina e os agentes da grande mídia. Se é correto afirmar que ele dá voz à população e seus anseios, também se pode verificar, em meio aos moradores da cidade, aqueles (e não são poucos) que consideram que João distorce os fatos, expondo-os ao ridículo, não se sentindo representados por ele e tampouco identificando-se com a linguagem usada nas notícias construídas sobre a cidade. Também é perceptível, por parte de João, uma paixão pelas mídias, que o faz um tradutor (mas também um deformador) de códigos da população local para as próprias mídias, levando-o a moldar seus discursos e sua linguagem para aquilo que ele já sabe que despertará a atenção.

João da Filmadora ora exerce o papel de questionar as autoridades dominantes, mas, por outro lado, ao alimentar uma fatia de espetacularização e exotismo de que a mídia se apropria, colabora para a manutenção da segregação e da marginalização dos ambientes rurais e de seus personagens, retratados não raramente de forma caricata, estereotipada, descontextualizada e com pouca profundidade. Não é o caso do repórter Gerson de Souza, que já narrou muitas pautas de João da Filmadora de uma forma humanizada, simples, informal, mas cuidadosa e delicada, aproximando-se com naturalidade dos fatos e dos personagens, como se fosse parte daquele universo, criando uma atmosfera de intimidade e singeleza, que às vezes eleva o banal ao poético²². Estas narrativas originadas de algumas pautas de João da Filmadora são fugas do agendamento noticioso, que persiste nos meios de comunicação. Traduzem pequenos aspectos do cotidiano, histórias maravilhosas que há muito povoam o imaginário popular. Mas em outros momentos se constituem de denúncias e reivindicações que não conseguem voz em Campina, e que, ao repercutirem em outros meios, obrigam as autoridades,

e mesmo as mídias locais e regionais, a um olhar mais atento, como no caso da denúncia de livros didáticos que estavam abandonados em um galpão da Prefeitura²³. São acontecimentos jornalísticos, quando nos reportamos às observações de Pontes e Silva, que afirmam:

Poderíamos, ainda, como sugerem Vaz e França (2009)²⁴, pensar em acontecimentos jornalísticos de naturezas diferentes. Os acontecimentos jornalísticos legítimos, que emergem com força própria, obrigando uma investigação a respeito de suas causas e consequências, e os outros, ordinários, que não produzem mudanças significativas para o coletivo, apenas alimentam diariamente as páginas da vida cotidiana e que seriam, então legitimados pela mídia (2010, p. 55).

É disto que trata João da Filmadora: do ordinário, do comum, que não transformará significativamente o coletivo, mas também do mágico, do maravilhoso. Certo é que suas pautas se colocam como narrativas que antecedem a notícia, com o objetivo de convencer, primeiramente, os próprios jornalistas, contadores de histórias, ainda que de histórias não ficcionais.

Mesmo que narre elementos não ficcionais, ele organiza os fatos sob o formato de uma história e apresenta traços que identificam qual tipo de história está contando. Muitos teóricos negam a narrativa para valorizar o acontecimento numa defesa pela aproximação do jornalismo com as ciências positivas. A proliferação de teorias centradas na cópia do acontecimento ou no estatuto ético do jornalismo demonstra um abandono do potencial narrativo dos textos (PONTES e SILVA, 2010, p. 59).

Apesar desse abandono do potencial narrativo, Pontes e Silva ressaltam que, ainda que de modo inconsciente, os jornalistas seguem repercutindo histórias de “fundo simbólico e mítico que permeiam as relações humanas e estruturam a literatura” (2010, p. 59). Por isso, talvez um dos principais papéis de João da Filmadora como narrador consista mais em, apropriando-se das formas modernas de veiculação da informação, trazer, dos narradores tradicionais e dos grupos invisíveis, uma possibilidade de voz na grande mídia, não sem os desconfortos, crises, deformações e contradições que todo diálogo pressupõe. Para os jornalistas, ele faz lembrar o caráter narrativo do jornalismo, e a potência da narrativa na organização do caos e na compreensão do mundo.

CONSIDERAÇÕES

João da Filmadora parece reinventar o cotidiano de sua cidade, e o dele próprio, ao levar Campina do Monte Alegre para as mídias, pois é ele mesmo quem afirma que, nelas, a cidade fica maior e mais agitada do que realmente é. Quanto ao próprio João, sua irmã, Solange Gomes Aleixo²⁵, pedagoga, afirma que o pai se preocupava com o menino que nunca quis estudar, dizendo que, um dia, ela se tornaria Dona Solange, e o irmão, pela falta de estudo, seria apenas o Nhô João. Graças à relação com as mídias, ela pondera, hoje ele é Seu João, não um Nhô qualquer. Seu João da Filmadora.

Se a atividade de João da Filmadora pode ser vista como forma de jornalismo participativo, uma oportunidade de fazer refletir a partir do banal, e também de se compreender o diferente, o maravilhoso, por outro lado, parece que, ao invés de salientar os fatos de Campina como lugares específicos de uma cultura, com todas as suas singularidades, o que as mídias buscam, na maior parte das vezes, é uma fatia de ficcional nestes fatos, reforçando-os como anomalias, incluindo-se, aqui, o jornalismo, ou pelo menos um certo jornalismo.

Tem-se aqui um narrador contemporâneo, conhecedor de sua cidade e de seus cidadãos, respeitado pelas autoridades locais como aquele que leva Campina do Monte Alegre para a grande mídia, mas também como alguém que reclama, denuncia e conhece jornalistas e veículos de comunicação de todo o Brasil, o que significa um poder simbólico e político no contexto da cidade, do qual ele tem plena consciência, e não apenas ele, mas também autoridades municipais. O ex-prefeito de Campina do Monte Alegre, José Benedito Ferreira²⁶ (Zé Dito), afirma que é necessário não se indispor com João, pois as realizações da Prefeitura eram levadas às mídias na medida em que os jornalistas atendiam ao chamado do produtor informal, e não do prefeito, e que apesar do CQC ter estado na cidade durante seu mandato, em 26/04/2010, graças a uma denúncia sobre um posto de combustível irregular, pautada por João, estremecer a relação com ele por este motivo poderia ser ainda pior. Ainda que aprecie este privilégio, sua boa relação com as mídias, João também faz dela uma forma de conseguir o bem comum. Porém, em uma de suas pautas, vendeu um prato inventado, mas não consumido em Campina – o chouriço doce. O bizarro de adoçar-se um prato, tradicionalmente salgado, assume valor de notícia, e interessa como curiosidade, como novidade

e, sobretudo, como excentricidade, o que representa um reforço nas representações caricatas, sensacionalistas e estereotipadas veiculadas pelas mídias.

É perceptível que João da Filmadora, por seu encantamento pelas mídias, apesar da baixa escolaridade, conseguiu educar-se para a prática de um “jornalismo” informal, apreendendo, da própria mídia e de seus profissionais, jargões específicos do exercício jornalístico, valores-notícia direcionados às editorias adequadas, além de formatos ou gêneros de linguagem, tais como a pauta, a notícia, a reportagem e o release. Essa aproximação tornou-se ainda mais significativa com a aquisição e o domínio das tecnologias da comunicação, com as quais João da Filmadora concretizou e ampliou o seu papel.

O caso de João da Filmadora aponta para uma necessária reflexão sobre a prática jornalística, em um contexto que traz audiências sedentas mais de entretenimento que de informação, redações cada vez mais enxutas, com profissionais malformados, exercendo funções indefinidas, com tempo exíguo para a apuração das matérias e conteúdos que se sobrepõem e concorrem com aqueles produzidos pelo cidadão comum, especialmente por meio das redes sociais. Assim, é necessário se refletir sobre as transformações do jornalismo como exercício profissional, em função não apenas da participação cada vez maior das audiências, mas também das fontes.

João da Filmadora extrapolou o papel de fonte para exercer também o de produtor, pois apesar de não possuir formação em jornalismo, ele pauta, define e orienta os personagens, faz o contato com as editorias e acompanha as equipes jornalísticas que chegam à cidade. Apesar de dizer que não vive dessa atividade, chama-a de trabalho, pelo qual, nem sempre, mas, às vezes, é (mal) remunerado, tanto por veículos de comunicação quanto por moradores da cidade, cujos problemas cotidianos são solucionados pelas matérias que ele sugere e produz. Por outro lado, para que as pautas de João da Filmadora se materializem, ele necessita de outros mediadores, ou seja, dos profissionais que o procuram, estes sim, jornalistas de profissão e que alimentam o jornalismo informal praticado por ele.

A prática de João da Filmadora pode ser exemplar de uma forma de jornalismo participativo, em que um cidadão, sem formação profissional, consegue chegar às mídias e, consciente do poder que

estas representam, reveste-se de uma autoridade reconhecida e desfrutada por alguns, mas, questionada e contestada por outros moradores da cidade. O limite desta relação deve ser ponderado pelos próprios jornalistas.

Enquanto fonte, João da Filmadora fornece para as mídias uma fatia de realidade (ou não) a ser: apurada, interpretada por vários ângulos possíveis, segundo um estatuto ético e critérios de relevância e interesse – isto é o que não deve mudar, apesar das transformações advindas da ampla participação do cidadão comum no jornalismo. Desta forma, as narrativas, enquanto pautas, devem passar pelo crivo do jornalismo para, só depois disto, transformarem-se em notícia. Se há um papel legítimo a ser exercido por João da Filmadora na sua relação com o jornalismo noticioso, guardada a consciência de seu caráter intersubjetivo, é o seu papel de fonte.

REFERÊNCIAS

AGUILAR FILHO, Sidney. **Educação, autoritarismo e eugenia:** exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945). Campinas: Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

FIDALGO, António. Especificidade epistemológica do jornalismo: Desfazendo uma ilusão do jornalismo cidadão. In: CARDOSO, Gustavo; CÁDIMA, Francisco Rui; LANDERSET, Luís. **Media, Redes e Comunicação.** Lisboa: Obercom, 2009. p. 219-230.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento:** Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento:** Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 43-61.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato** – Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

NOTAS

- 1 Em entrevista concedida por Gerson de Souza, em 11/12/2014.
- 2 Disponível em: <https://youtu.be/FBK_p1IT5j4>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 3 Disponível em: <<https://youtu.be/WhS3ohIfluc>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 4 Disponível em: <<https://youtu.be/Sk54R9iKfoM>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 5 Disponível em: <<https://youtu.be/s1Y2LdfaVUU>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 6 Disponível em: <https://youtu.be/Rk35VwSz_wo>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 7 Disponível em: <<https://youtu.be/lvnmGa5P8jc>>. Acesso em 22 fev. 2015.
- 8 Disponível em: <<https://youtu.be/xyw2sFZjDU8>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 9 Disponível em: <<https://youtu.be/-3gTcyQLSDs>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 10 Disponível em: <<http://www.cruzeirosul.inf.br/materia/401003/menino-recolhe-restos-de-municao-da-revolucao-constitucionalista-de-1932>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 11 Dois entre os inúmeros links em que se pode verificar a repercussão da pauta sobre a Fazenda Nazista: <<http://youtu.be/KdmfRDRP96c>>. Acesso em 22. Fev. 2015; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_do_Monte_Alegre>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 12 Em entrevista concedida em 12/02/2015.

- 13 O *Release*, obtido em <https://www.facebook.com/filmadora.filmadora?fref=ts>, foi enviado por João da Filmadora a diversos veículos de comunicação e gerou matérias na TV TEM e Record.
- 14 Em entrevista concedida no dia 5/01/2015.
- 15 Nas referências de Meditsch (2010), aparecem: BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas [1966]. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985; BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas [1995]. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004; GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987; LIPPMANN, Walter [1992]. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 1979; PARK, Robert [1904]. **The crowd and the public**. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.
- 16 Em entrevista concedida em 05/01/2015.
- 17 Disponível em: <<http://rederecord.r7.com/video/conheca-o-estilo-de-vida-simples-dos-caipiras-5047a51992bb9b7c6b399647/>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 19 Obra da Literatura Infantil Brasileira. Cf: LISPECTOR, Clarice. **Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- 19 Obra da Literatura Infantil Brasileira. Cf: SOUSA, Maurício. **Turma da Mônica: lendas brasileiras: Negrinho do Pastoreio**. Barueri: Girassol, 2010.
- 20 Disponível em: <https://youtu.be/uVgM6mo0_fo>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 21 Disponível em: <<https://youtu.be/5xSLV04CKv4>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 22 Disponível em: <<https://youtu.be/k3CZaUu6t3M>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 23 Disponível em: <<http://www.recordpaulista.com.br/portal/noticias/9924>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- 24 Nas referências dos autores: VAZ, Paulo B.; FRANÇA, R.O. Entre o le-

gítimo e o legitimado: a explosão dos acontecimentos nas capas de Veja. In: XVIII Compós, 2009, Belo Horizonte. **Anais do XVIII Encontro Anual da Compós**. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009.

- 25 Em entrevista concedida para a pesquisadora, em dezembro de 2014.
- 26 Em entrevista concedida para a pesquisadora, em dezembro de 2014.

Miriam Cristina Carlos Silva Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora titular do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO. Líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas da UNISO, desenvolveu esta pesquisa com apoio da FAPESP.

RECEBIDO EM: 23/02/2015 | ACEITO EM: 26/08/2015